

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Educação Psicomotora

Roberta Gomes Scalfone

**A PSICOMOTRICIDADE COMO CIÊNCIA QUE  
CONTRIBUI PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS  
AUTISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Rio de Janeiro

2026



Roberta Gomes Scalfone

**A PSICOMOTRICIDADE COMO CIÊNCIA QUE CONTRIBUI PARA A INCLUSÃO  
DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Orientador (a) Professor (a) Cintia Tavares  
Ferreira, M.<sup>a</sup> em Educação - UFRJ.

Rio de Janeiro

2026

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S281 Scalfone, Roberta Gomes

A contribuição da psicomotricidade como ferramenta de inclusão para crianças autistas na educação física escolar / Roberta Gomes Scalfone. – Rio de Janeiro, 2026.

21 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Cintia Tavares Ferreira.

1. Educação psicomotora - Estudo e ensino. 2. Psicomotricidade. 3. Educação física. 4. Autismo. 5. Inclusão escolar. I. Ferreira, Cintia Tavares. II. Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Roberta Gomes Scalfone

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE COMO CIÊNCIA QUE  
CONTRIBUI PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup>.M<sup>a</sup>. Cintia Tavares Ferreira (Orientadora)  
Colégio Pedro II

---

Prof. Dra Kátia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer (Coordenadora)  
Colégio Pedro II

---

Prof. Dra. Michele Pereira de Souza da Fonseca  
UFRJ

Rio de Janeiro

2026

## **A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE COMO CIÊNCIA QUE CONTRIBUI PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Roberta Gomes Scalfone

### **Resumo**

Este trabalho propõe a Psicomotricidade como uma ciência que contribui com o trabalho pedagógico para potencializar a participação e o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), na perspectiva da educação inclusiva na Educação Física escolar. A temática é justificada pela necessidade de práticas escolares mais humanizadas e sensíveis às diferenças, que dialoguem com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (Brasil, 2015) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). A relevância se mostra na busca por estratégias que promovam acessibilidade atitudinal, apoio pedagógico adequado e valorização das singularidades das crianças com TEA, contribuindo de forma real com a inclusão no contexto escolar. O trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da articulação entre Psicomotricidade e Educação Física nas escolas e as influências das suas práticas para potencializar os corpos das crianças com TEA. A pesquisa segue os procedimentos de Gil (2008) sobre pesquisa bibliográfica e adota a perspectiva qualitativa de Minayo (2001) para compreender os processos vividos no contexto escolar. Os resultados indicam que, ao considerar a Psicomotricidade como uma ciência que estuda o ser humano por meio do corpo em movimento, considerando a relação entre motricidade, afetividade e cognição (Le Boulch, 1987; Wallon, 1975; Piaget, 1971; Vygotsky, 1991 e Levin, 1995), é favorecida a regulação emocional, interação social e participação ativa das crianças com TEA nas aulas de Educação Física. Este estudo ressalta que a inclusão exige uma transformação cultural que supere práticas excludentes e padronizadoras e leva à conclusão de que todos os educadores, especialmente os da área da Educação Física, deveriam ter a Psicomotricidade em sua formação profissional, não somente para compreender as demandas escolares e contribuir com a inclusão, mas também para que se sintam, de fato, preparados para lidar com as diferenças humanas, em particular, com o autismo no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Psicomotricidade; Inclusão; Educação Física; Autismo.

## **LA CONTRIBUCIÓN DE LA PSICOMOTRICIDAD COMO CIENCIA QUE CONTRIBUYE A LA INCLUSIÓN DE NIÑOS AUTISTAS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR**

Roberta Gomes Scalfone

### **Resumen**

Este trabajo propone la Psicomotricidad como una ciencia que contribuye al trabajo pedagógico para potenciar la participación y el desarrollo integral de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA), desde la perspectiva de la educación inclusiva en la Educación Física escolar. La temática se justifica por la necesidad de prácticas escolares más humanizadas y sensibles a las diferencias, que dialoguen con la Ley Brasileña de Inclusión (LBI) (Brasil, 2015) y la Base Nacional Común Curricular (BNCC) (Brasil, 2017).

La relevancia se evidencia en la búsqueda de estrategias que promuevan la accesibilidad actitudinal, el apoyo pedagógico adecuado y la valorización de las singularidades de los niños con TEA, contribuyendo de manera efectiva a la inclusión en el contexto escolar.

El trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la articulación entre la Psicomotricidad y la Educación Física en las escuelas, así como sobre la influencia de sus prácticas para potenciar el desarrollo corporal de los niños con TEA. La investigación sigue los procedimientos de Gil (2008) sobre investigación bibliográfica y adopta la perspectiva cualitativa de Minayo (2001) para comprender los procesos vividos en el contexto escolar.

Los resultados indican que, al considerar la Psicomotricidad como una ciencia que estudia al ser humano a través del cuerpo en movimiento, teniendo en cuenta la relación entre motricidad, afectividad y cognición (Le Boulch, 1987; Wallon, 1975; Piaget, 1971; Vygotsky, 1991 y Levin, 1995), se favorecen la regulación emocional, la interacción social y la participación activa de los niños con TEA en las clases de Educación Física.

Este estudio destaca que la inclusión exige una transformación cultural que supere prácticas excluyentes y estandarizadoras y lleva a la conclusión de que todos los educadores, especialmente los del área de Educación Física, deberían contar con la Psicomotricidad en su formación profesional, no solo para comprender las demandas escolares y contribuir a la inclusión, sino también para que se sientan, de hecho, preparados para abordar las diferencias humanas, en particular el autismo en el contexto escolar.

**Palabras clave:** Psicomotricidad; Inclusión; Educación Física; Autismo.

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem sido um tema muito discutido entre professores e pesquisadores, principalmente, no que diz respeito à necessidade de acessibilização das escolas para atender de forma mais inclusiva e equitativa crianças com deficiência e com necessidades educacionais específicas, em destaque o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Dessa forma, é preciso que algumas ações sejam implementadas para possibilitar avanços nos espaços de educação e, principalmente, na capacitação dos profissionais. Esse processo demanda muitas mudanças estruturais e também a reavaliação das metodologias pedagógicas, além da implementação de práticas mais humanizadas e sensíveis às diferenças humanas.

A inclusão escolar de crianças com TEA coloca em xeque o modelo tradicional de educação que ainda se apresenta em algumas instituições escolares, uma vez que essas crianças trazem consigo singularidades que impactam diretamente na sua forma de aprender, experimentar o mundo, interagir com outras crianças, se comunicar e participar ativamente das atividades escolares. Por isso, é fundamental que os ambientes educacionais sejam organizados e planejados de modo que proporcionem acessibilidade, principalmente a atitudinal, seguida de apoio pedagógico adequado com estratégias que possam valorizar as potencialidades de cada criança, respeitando assim o seu ritmo, seu corpo e suas necessidades.

Dentro dessa perspectiva, a Psicomotricidade se destaca como uma abordagem tanto pedagógica quanto terapêutica de grande importância, porque integra aspectos motores, cognitivos e afetivos que auxiliam no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos. O corpo em movimento expressa emoções e a criança pode expressá-las por meio do gesto, do ritmo, do jogo e das interações, sejam elas com objetos ou com outras pessoas.

Cada corpo carrega histórias, marcas e formas singulares de manifestar seus sentidos e a Psicomotricidade dá espaço para que a criança se perceba no seu corpo, valorizando assim seu modo próprio de agir e de se relacionar. Através do brincar psicomotor, há o estímulo à cooperação, ao respeito e à interação, focando no que cada criança pode, ao invés de focar no que ela não pode. Isso gera trabalho de autoestima, confiança e compreensão das suas potencialidades. Essa concepção aplicada à Educação Física escolar traz um diferencial no que tange à inclusão, uma vez que o brincar, somado ao movimento planejado, favorece mais que o desenvolvimento motor, mas também a interação social, cooperação, comunicação e construção de vínculos entre os professores e crianças.

Desse modo, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da articulação entre Psicomotricidade e Educação Física nas escolas e as influências das suas práticas para potencializar os corpos das crianças com TEA. Para tanto, especificamente, houve o interesse em discutir a Psicomotricidade como uma ciência essencial para promover a inclusão e propiciar uma experiência educacional com maior sentido. Pretende-se, com isso, apresentar o papel dessa abordagem no apoio ao desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social dessas crianças, aspectos esses, que são fundamentais para o bem-estar e para uma participação mais ativa nas atividades escolares.

Para tanto, considera-se importante contextualizar as transformações que as instituições escolares passaram até chegar nos dias atuais, discutindo os avanços e os pequenos passos dados nos quais possibilitaram grandes mudanças, levando a escola para cada vez mais perto da inclusão. Há muito que se fazer diante do cenário atual, pois a inclusão é um processo contínuo.

Na construção do texto, o diálogo com os autores acontece de forma objetiva, fomentando o desejo de expor a importância da Psicomotricidade como abordagem inclusiva, especialmente para o público com TEA dentro das escolas. Desse modo, o estudo segue sua trajetória, explicitando nas próximas sessões: as características que constituem o Transtorno do Espectro do Autismo e suas singularidades; os desafios que, historicamente, a escola enfrenta diante do tema da inclusão; a contribuição da Psicomotricidade no desenvolvimento das crianças com TEA; a Educação Física como componente de potência corporal no processo de inclusão; e a necessidade do diálogo entre Educação física, Psicomotricidade e Inclusão.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho se configura como uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, dialogando com minhas experiências e vivências por meio de reflexões sobre como a Psicomotricidade pode contribuir para a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Física escolar.

A abordagem qualitativa foi escolhida por considerar a complexidade do fenômeno da inclusão escolar, que envolve aspectos subjetivos, sociais, afetivos e culturais. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender significados e processos vividos pelos sujeitos, sendo útil para estudos em educação. Esta pesquisa não pretende realizar experimentações práticas ou coleta de dados empíricos, mas, sim, contribuir com a produção de conhecimento teórico que possa embasar futuras práticas pedagógicas inclusivas no contexto escolar pelo viés da Psicomotricidade.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do levantamento e análise de obras publicadas como livros, teses, legislações e documentos oficiais que tratam do tema investigado. Essa metodologia permite uma aproximação teórica do objeto de estudo, proporcionando uma base sólida para reflexões e críticas fundamentadas em referências literárias. Dessa forma, leituras e

estudos oriundos da convivência diária com um número expressivo de crianças com TEA nos encontros de Educação Física foram essenciais nas reflexões deste trabalho.

## **O AUTISMO E SUAS SINGULARIDADES**

Segundo o DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por apresentar algumas dificuldades na comunicação e na interação social, associados a padrões restritos e repetitivos sejam eles comportamentais, de interesses ou atividades. Além disso, esses padrões também podem gerar desregulações emocionais frequentes. O diagnóstico segue critérios definidos no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2013), mas cada pessoa com TEA apresenta um conjunto de características que é único e particular, o que reforça a importância de compreender o espectro em toda a sua diversidade e complexidade.

As particularidades do autismo envolvem muitos aspectos como diferenças no processamento sensorial, variações no tempo de resposta e no ritmo de aprendizagem, além de estilos diferentes de interação. Essa perspectiva encontra respaldo em Levin (1995), que compreende o desenvolvimento humano de forma integral, valorizando as potencialidades. Contudo, vale ressaltar que para se aproximar de uma perspectiva mais inclusiva, esses aspectos não devem ser considerados como um déficit, mas ao contrário disso, é preciso que seja visto em sua diversidade e reforçando as suas potencialidades, para um convívio positivo com as diferenças.

Dar um passo em direção à inclusão é fazer com que cada criança se sinta pertencente e atue de maneira ativa, juntamente com os demais, tendo as condições que favoreçam a sua participação plena nas atividades. Estar inserida no espaço não garante que a criança seja incluída. Para garantir práticas inclusivas e equitativas às necessidades de cada uma é extremamente necessário que mudanças sociais aconteçam. Isso implica abandonar modelos pedagógicos pautados na competição, na disputa entre as melhores habilidades, pois, no ambiente escolar, todos merecem um lugar de destaque, afinal, todos têm algo valioso dentro de si.

Portanto, compreender o autismo sob a ótica das singularidades e potencialidades não apenas favorece a inclusão dessas crianças, mas também

contribui muito para a construção de ambientes que valorizem a diferença como parte natural da experiência humana. Para isso, não basta apenas a realização de um número excessivo de cursos sobre o tema, visto a complexidade de tal assunto, mas sim que o professor tenha a capacidade de desenvolver um olhar atento às especificidades de cada indivíduo.

Evidentemente, o conhecimento teórico acerca do transtorno contribui para a construção de abordagens mais adequadas. Contudo, é a sensibilidade para perceber e acolher a criança em sua integralidade que se configura como o principal diferencial. Para isso, é preciso saber reconhecer como esse corpo se apresenta, bem como as emoções que carrega, pois isso constitui um aspecto fundamental para a efetivação de práticas inclusivas.

Para Le Boulch (1987), a Psicomotricidade é compreendida como uma ciência que estuda o ser humano por meio do corpo em movimento, considerando a relação entre motricidade, afetividade e cognição.

Nesse sentido, a Psicomotricidade traz um viés potencializador para esses corpos, não apenas de desenvolvimento motor, mas também de interação social e expressão das emoções, favorecendo assim, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista em contextos coletivos, especialmente no ambiente escolar e, de forma particular neste estudo, nas aulas de Educação Física, espaço no qual o corpo tende a vivenciar maior liberdade de movimento e expressão.

Para refletir sobre essa liberdade corporal e expressiva na Educação Física, é imprescindível, antes, discutir o modelo escolar vigente, frequentemente estruturado de maneira padronizada e ancorado em práticas institucionais que desconsideram as diferenças humanas e as singularidades próprias da criança com TEA.

## **QUAIS OS DESAFIOS QUE A ESCOLA ENFRENTA DIANTE DO TEMA INCLUSÃO?**

Historicamente, as escolas foram construídas como espaços de disciplinamento com regras muito rígidas e esse modelo fazia com que a escola “educasse” por meio de punições. Assim, moldava o comportamento das crianças e até o modo de pensar, segundo o que era estabelecido como socialmente aceito. A escola, desde suas origens, esteve associada à ideia de controle, normatização e padronização, o que reforçava uma estrutura de hierarquia e buscava enquadrar os indivíduos dentro de um modelo considerado ideal, onde todos deveriam ser e agir de

forma idêntica, rejeitando a liberdade do corpo de cada um. Conforme analisa Foucault (1987, p. 153), “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”.

No que diz respeito à inclusão, a escola teve algum avanço, mas ainda traz consigo raízes de um passado marcado por uma padronização, o que afeta diretamente as crianças que não se “enquadram”. Essa tentativa de adequação forçada, mesmo que de forma sutil e quase naturalizada, perpetua o que Foucault (1987) denomina de “mecanismos de adestramento”. Ao invés de possibilitar a expressão livre e criativa, essas práticas reforçam um espaço escolar que, embora inclusivo no discurso, ainda é pouco aberto à pluralidade e às manifestações autênticas dos sujeitos que o compõem.

A Psicomotricidade, surge como um caminho alternativo e transformador, que vai ao encontro com o que se entende por inclusão no contexto escolar, porque em vez de buscar moldar o corpo de acordo com padrões pré-estabelecidos, essa abordagem propõe uma compreensão ampla do sujeito, reconhecendo o corpo como um território de histórias, afetos, memórias e modos diferentes de se relacionar com o mundo. Levin (1995)

Portanto, é mais do que necessário modificar com profundidade as práticas pedagógicas, os planejamentos e a própria concepção de educação escolar. É preciso desconstruir a lógica do “corpo dócil” para reconhecer e valorizar o “corpo plural”, aquele que, com suas especificidades, provoca as estruturas engessadas e convida professores, gestores e colegas a um exercício contínuo de escuta, empatia e acolhimento.

A inclusão é muito mais do que a presença física de crianças com deficiência/necessidades educacionais específicas em uma escola ou sala de aula, pois trata-se de um processo contínuo que exige mudanças profundas na cultura da instituição, nas práticas pedagógicas e, principalmente, na postura atitudinal dos profissionais da educação. Incluir significa modificar a forma como se enxerga o outro, criando espaços onde todos possam aprender, interagir e se desenvolver de maneira justa, respeitosa e equitativa.

De acordo com a psicóloga social Bader Sawaia (2017), a inclusão é um fenômeno complexo que precisa ser entendido a partir das contradições sociais, econômicas e políticas presentes na realidade do país. Para a autora, a exclusão não deve ser vista como algo que acontece como um caso isolado, de forma individual,

mas como uma construção social que se sustenta em relações de poder desiguais. Essas relações, muitas vezes invisíveis no dia a dia, acabam marginalizando determinados grupos e dificultando sua plena participação na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar.

Sawaia (2017) propõe o conceito de “sofrimento ético-político” para explicar como a exclusão afeta os indivíduos. Esse sofrimento aparece quando uma pessoa, mesmo estando fisicamente presente na escola, é colocada à margem, seja no contexto emocional, social ou simbolicamente. Ou seja, essa forma de exclusão pode ser vista, por exemplo, quando uma criança com TEA não encontra práticas pedagógicas adequadas para suas necessidades, quando nenhum espaço é acessível e acolhedor às suas especificidades ou quando os professores não estão preparados para lidar com a sua individualidade.

Então, para a autora, a verdadeira inclusão começa com o reconhecimento da alteridade, ou seja, da singularidade de cada pessoa, aspecto que norteará todo esse trabalho, pois esse é o ponto central, se não o principal fazer da inclusão. Reconhecer a alteridade é entender que cada criança carrega um conjunto único de experiências, ritmos e formas de se comunicar com o mundo (Sawaia, 2017). Essas características não devem ser vistas como um problema ou limitando-se aos diagnósticos, mas, sim, compreendidas como elementos que enriquecem o processo educativo. Diante dessa percepção, a Psicomotricidade se apresenta como uma prática também pedagógica que é essencial para promover a inclusão. Ela parte da compreensão de que o ser humano é uma unidade integrada de corpo, mente e emoção.

Portanto, para promover a inclusão de crianças com TEA, é preciso que elas sejam olhadas em sua totalidade, considerando suas potencialidades, seus desafios, suas formas únicas de comunicação e suas maneiras próprias de interagir. O trabalho do professor e/ ou psicomotricista se torna muito mais efetivo nessa perspectiva. Essa postura exige olhar sensível, escuta atenta e estratégias de ensino, indo muito além da simples aplicação de atividades ou técnicas.

Trata-se de um compromisso com a equidade, que significa oferecer condições diferenciadas para que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento, como garante a Lei de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista - Lei 12.764/2012. Essa perspectiva é fundamental para que a inclusão deixe de ser apenas um discurso bonito ou um cumprimento de lei e se torne uma prática real, vivida no cotidiano escolar.

## **A PSICOMOTRICIDADE E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA**

O desenvolvimento do ser humano é um processo que envolve a relação entre aspectos biológicos, psicológicos e sociais como um todo. No caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista, o desenvolvimento apresenta singularidades relacionadas à comunicação, à interação social e ao desenvolvimento motor, exigindo abordagens que compreendam suas especificidades e potencialidades.

Por ser uma especialidade que estuda a integração entre movimento, cognição e afetividade (Le Boulch, 1987), a Psicomotricidade oferece contribuições importantes para auxiliar no desenvolvimento global dessas crianças. Alguns autores, embora com olhares distintos, concordam que não é possível dissociar o cognitivo do motor, pois o desenvolvimento do ser humano se dá de forma integral, incluindo fatores afetivos e sociais.

Em diálogo, no campo específico da Psicomotricidade, Wallon (1975) destaca que o movimento é parte fundamental da construção da personalidade, pois integra a dimensão afetiva e cognitiva, enquanto para Piaget (1971), a ação motora é a base para a construção do conhecimento, sendo o estágio sensório-motor o ponto de partida para o desenvolvimento intelectual.

Le Boulch (1987) defende que o corpo é meio de expressão, comunicação e aprendizagem, sendo fundamental respeitar o ritmo e as possibilidades de cada criança. Já Vygotsky (1991) enfatiza que o aprendizado e o desenvolvimento ocorrem por meio das interações sociais, nas quais o corpo desempenha papel essencial como mediador das experiências. Levin (1995) amplia essa compreensão ao afirmar que o corpo não é apenas uma estrutura biológica, mas um território simbólico onde se inscrevem experiências afetivas e sociais.

Lapierre e Aucouturier (2004) reforçam a importância do jogo simbólico e do movimento livre para que a criança possa expressar emoções e perceber as sensações internas, aspectos muito importantes para crianças com TEA, que muitas vezes encontram dificuldades na comunicação verbal, emocional e social.

De acordo com essa perspectiva, a Psicomotricidade vem como um potencial para uma espécie de ponte entre o mundo interno e o externo para as crianças com TEA, criando assim, oportunidades para que elas possam desenvolver habilidades psicomotoras, cognitivas e socioafetivas de modo integral por meio de atividades

lúdicas, envolvendo principalmente a parte sensorial, que em geral, funciona como meio de autorregulação para pessoas com autismo.

Dessa forma, é possível estimular a coordenação, a percepção espacial e temporal, a regulação emocional, a interação com o outro e tantas outras valências psicomotoras, de modo que favoreça a inclusão e a participação social. A Psicomotricidade, fundamentada nas teorias do desenvolvimento humano, se configura como uma abordagem essencial para potencializar o desenvolvimento integral de crianças com TEA, permitindo que avancem em sua autonomia, comunicação e participação na vida escolar e social, bem como em outros aspectos emocionais.

Lapierre e Aucouturier também compreendem que “o papel do educador psicomotricista não é o de corrigir o movimento, mas de compreender o que ele significa e acolher a expressão que dele emerge” (Lapierre; Aucouturier, 2004, p. 58). O movimento é uma linguagem que revela afetos por meio do brincar, do jogo simbólico, que são fundamentais para a expressão e elaboração emocional. Assim, o adulto atua como mediador do processo simbólico, ajudando a criança a transformar impulsos em representações e ações conscientes.

A abordagem desses autores valoriza o vínculo entre o educador e a criança, ressaltando a importância de um ambiente acolhedor. Desse modo, o educador deve atuar com sensibilidade, escuta e acolhimento corporal, compreendendo que o corpo é o primeiro instrumento de comunicação com o mundo. Ambos compreendem que, na Psicomotricidade, trabalhar com o movimento, com as vivências afetivas e com as interações sociais, oportuniza caminhos para que o desenvolvimento infantil aconteça da maneira mais completa possível, respeitando o seu jeito de ser e suas particularidades, pois o corpo guarda traços inconscientes de vivências primitivas, principalmente da relação com pais e cuidadores. Essas experiências moldam a forma como a criança age, sente e se expressa.

Assim, cada gesto, postura ou movimento carrega uma história afetiva, muitas vezes não verbalizada. Para eles, “o movimento da criança é portador de uma significação simbólica; por meio dele, ela exprime seu mundo interior, seus afetos, seus medos e desejos” (Lapierre; Aucouturier, 2004, p. 23).

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO POTÊNCIA CORPORAL**

Assim como a instituição escolar, a Educação Física possui um histórico marcado por práticas excludentes, nas quais eram valorizados prioritariamente os mais fortes, ágeis e habilidosos, em detrimento dos que apresentavam ritmos, habilidades ou condições físicas diferentes, sendo excluídos pelos colegas e professores. Durante muito tempo, o espaço das aulas esteve associado à seleção e à competição, reforçando desigualdades e limitando a participação plena de todos. Além disso, a Educação Física escolar é uma área que tradicionalmente privilegia a interação social e a superação de desafios físicos de forma competitiva, elementos que podem representar dificuldades para crianças, especialmente, as que têm TEA.

Ao longo do tempo, novas tendências pedagógicas foram surgindo e modificando esse cenário e, aos poucos, a Educação Física passou a ocupar um lugar diferente no contexto escolar. Essa área, que durante muito tempo foi vista de forma militarizada, associada quase exclusivamente à formação de atletas e ao desenvolvimento do desempenho físico, hoje é compreendida como um componente essencial para a formação integral da criança. Essa transformação caminha ao encontro de abordagens contemporâneas, como a perspectiva construtivista, a abordagem crítico-superadora, a Psicomotricidade e as metodologias ativas, que entendem o corpo como parte inseparável dos processos de ensino e de aprendizagem.

Nesse novo cenário, a Educação Física no espaço escolar passa a ser um ambiente que prepara não apenas o corpo, mas também a mente e contempla também as dimensões emocionais e sociais da criança. Assim, as aulas deixam de ter um caráter exclusivamente técnico ou competitivo para se tornar oportunidade de vivência, de experimentação, de interação e de construção coletiva de conhecimento corporal, ocupando não somente a quadra, mas também outros espaços de possíveis aprendizados acerca do movimento. Atividades lúdicas e cooperativas, elaboradas de modo que privilegiem a participação de toda turma, ganham destaque, favorecendo a aprendizagem que vai muito além do desempenho físico, contemplando também o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social.

Além disso, as tendências atuais da Educação Física reforçam a importância da diversidade cultural e corporal, reconhecendo que cada corpo possui histórias, ritmos, capacidades e potencialidades singulares. Nessa perspectiva, o professor assume um papel de mediador, estimulando a participação de todos e promovendo um ambiente de respeito às diferenças, reconhecendo e compreendendo que cada

criança tem sua forma de se expressar e de se relacionar com o mundo. Portanto, quando o professor busca acolher ritmos, gestos, interesses e formas de comunicação diversas sem padronizar ou comparar, o movimento é entendido como expressão de identidade e de cidadania. Assim, o professor cria oportunidade para um diálogo não necessariamente verbal, funcionando como uma ponte entre as crianças e o meio, dentro do ambiente escolar.

Essas mudanças pedagógicas também se apoiaram em concepções que valorizam a interdisciplinaridade, integrando a Educação Física a outras áreas do conhecimento. Assim, jogos, esportes, danças e atividades expressivas passam a ser utilizados não apenas para desenvolver habilidades físicas, mas também para trabalhar aspectos como cooperação, empatia, resolução de conflitos e pensamento crítico, como estabelece a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Dessa forma, a prática corporal contribui de maneira significativa para a construção de uma cultura escolar mais democrática, participativa e voltada para a formação cidadã. E, ao priorizar uma abordagem mais ampla, a Educação Física escolar se consolida como um espaço que promove o bem-estar físico, emocional e social, criando oportunidades para que as crianças desenvolvam autonomia, autoestima, consciência corporal e respeito ao próximo. Essa mudança fortalece a ideia de que a Educação Física não é apenas uma disciplina que se ocupa do corpo em movimento, mas um campo pedagógico que contribui efetivamente para a formação de sujeitos críticos, ativos e socialmente engajados.

Nesse contexto, o professor de Educação Física que trabalha com um olhar psicomotor torna-se uma parte fundamental para a inclusão das crianças, em particular, as com Transtorno do Espectro Autista, pois a abordagem psicomotora permite compreender o indivíduo para além de suas habilidades motoras, considerando também outros aspectos: emocionais, relacionais e cognitivos, que influenciam sua participação.

Esse olhar possibilita ainda que o professor planeje atividades acessíveis às necessidades e potencialidades de cada estudante, promovendo a exploração livre do corpo, valorizando as interações sociais e favorecendo a construção de vínculos entre crianças e adultos. Dessa forma,

A Educação Física escolar deve ser entendida como um componente curricular que, ao trabalhar com a cultura corporal, deve possibilitar a todos os alunos, independentemente de suas habilidades, vivências significativas que contribuam para sua formação integral. (Darido; Rangel, 2005, p. 23).

Integrando movimento, afeto e comunicação, o professor aumenta as possibilidades de aprendizagem e participação das crianças com autismo nas aulas, criando assim, um ambiente seguro e estimulante, onde a diversidade é reconhecida como valor. Dessa forma, a Educação Física deixa de ser um espaço seletivo para se tornar inclusivo, no qual todos os corpos têm voz, vez e significado.

No entanto, na prática é importante ressaltar que, embora a Psicomotricidade apresente uma abordagem promissora para a inclusão, especialmente dentro das aulas de Educação Física, sua implementação nas escolas ainda enfrenta desafios. O trabalho colaborativo entre professores e a escola como um todo, é essencial para criar estratégias de inclusão que atendam às necessidades específicas de cada criança, portanto, se faz necessário que toda a escola esteja olhando para o mesmo horizonte.

## **EDUCAÇÃO FÍSICA, PSICOMOTRICIDADE E INCLUSÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO**

A Educação Física escolar, enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica brasileira (Brasil, 1996), possui um papel importante na formação dos estudantes, pois não se limita ao desenvolvimento físico ou ao aprendizado de técnicas esportivas, conforme exposto anteriormente. Seu objetivo é muito mais amplo, abrangendo dimensões motoras, cognitivas, afetivas e sociais que contribuem para o desenvolvimento integral do indivíduo (Darido; Rangel, 2005).

Ao ser articulada à Psicomotricidade, objetivo deste estudo, e entendida como integração dinâmica entre movimento, cognição e afetividade, amplia-se consideravelmente o seu potencial pedagógico, criando experiências de aprendizagem mais ricas, significativas e capazes de promover uma inclusão de maneira mais efetiva.

A Psicomotricidade, conforme defende Le Boulch (1987), considera o corpo como um instrumento fundamental de expressão, comunicação, afetividade e construção de identidade. Essa abordagem entende que cada criança possui ritmos próprios de desenvolvimento e modos muito particulares de interagir com o ambiente e com os outros. Essa compreensão, quando levada para as práticas de Educação Física, permite a criação de propostas pedagógicas que respeitem as individualidades, oferecendo atividades lúdicas, como brincadeiras e jogos, danças,

lutas, ginástica, esportes e práticas de aventuras que estimulem tanto o desenvolvimento motor quanto o fortalecimento de vínculos emocionais e sociais.

Por outro lado, autores como Freire (1997) e Gallahue & Ozmun (2005) compreendem de forma complementar, que a Educação Física desempenha um papel estruturante no desenvolvimento de habilidades motoras e na formação de competências humanas, sociais e políticas que vão além do espaço escolar, preparando o estudante para uma vida ativa, autônoma e socialmente engajada.

Nesse sentido, o diálogo entre Educação Física e Psicomotricidade propicia uma abordagem ampla, senão completa, que entende o movimento não apenas como uma manifestação corporal, mas também como um recurso pedagógico que é capaz de favorecer aprendizagens. Esse diálogo se torna ainda mais interessante quando se discute a inclusão de crianças com deficiência, como no caso deste estudo, o Transtorno do Espectro Autista, que conversa diretamente com a Lei de proteção ao direito das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 12.764/2012) que assegura “a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer”. (Brasil, 2012, art. 3º, I).

Além dessa lei, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI – Lei nº 13.146/2015) asseguram a essas crianças o direito à participação plena no ambiente escolar, garantindo-lhes acessibilidade, acessibilização curricular e práticas pedagógicas que atendam às suas necessidades (Brasil, 1996; 2015).

Dentro dessa perspectiva legal e ética, a Psicomotricidade se apresenta como uma abordagem eficaz para apoiar o trabalho dos professores de Educação Física, oferecendo estratégias para atividades, eliminação de barreiras e criação de interações mais positivas e significativas entre todas as crianças.

Segundo Bracht (1993), a Educação Física escolar deve contemplar a diversidade, reconhecendo as diferenças individuais e garantindo oportunidades de participação e aprendizagem para todos os estudantes, o que implica a necessidade de repensar os conteúdos, os métodos de ensino e os processos de avaliação, de modo a superar práticas excludentes historicamente presentes na área. Assim, nas aulas de Educação Física, mais do que ensinar esportes ou técnicas corporais, o espaço escolar se torna um lugar de valorização da pluralidade, em que o movimento é utilizado para desenvolver autonomia, cooperação, empatia e respeito às diferenças.

Ao integrar os princípios da Psicomotricidade às práticas da Educação Física, o ambiente escolar ganha outra perspectiva, tornando-se um espaço mais democrático, participativo, humano e acolhedor. Essa integração não só potencializa o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional das crianças, mas acima de tudo, fortalece os vínculos entre eles, criando um sentimento de pertencimento e um clima colaborativo para todos.

Desse modo, a Educação Física deixa de ser vista apenas como um componente curricular com raízes tradicionais e passa a ser reconhecida como uma área pedagógica que contribui para a concretização de uma educação inclusiva, que respeita e valoriza a diversidade como um ponto central para a formação de cidadãos críticos, conscientes e ativos na sociedade.

## **CONCLUSÃO**

A Psicomotricidade é uma ciência que contribui bastante no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista nas práticas de Educação Física escolar. Tanto a quadra como os outros espaços da escola são essenciais nesse processo, pois favorecem que as crianças se sintam livres para correr e viver o seu movimento, e expressem-se mais livremente, fora do “enquadriculamento” escolar.

Portanto, falar de inclusão sob o olhar da Psicomotricidade significa defender uma educação que entende cada criança como única, que é capaz de aprender e de ensinar a todos com sua presença e suas experiências. É preciso reforçar também que a verdadeira transformação só acontece quando a escola se abre para o movimento, para a empatia e para a construção de um ambiente educativo que respeite e potencialize as diferenças.

Quando o movimento da criança passa a ser interpretado como uma linguagem que comunica emoções, conflitos e desejos, o professor ou educador, deve escutar e acolher as manifestações corporais como expressão de processos subjetivos. A escuta sensível e o brincar associado à aprendizagem se tornam elementos essenciais no processo de construção do eu corporal, garantindo que todas as crianças, independentemente de suas condições, tenham o direito de se desenvolver e participar de forma significativa no ambiente escolar.

Por isso, a Educação Física escolar pode ser amplamente favorecida pela Psicomotricidade, pois é um ambiente em que o corpo e a ação estão em primeiro

plano. É justamente aí que a Psicomotricidade se insere como potente área que contribui para a inclusão: ao considerar o corpo como linguagem e o brincar como espaço de escuta, ela possibilita que as crianças com TEA sejam vistas para além de suas dificuldades, reconhecendo seus modos próprios de estar no mundo.

Em suma, todos os educadores, especialmente os da área da Educação Física, deveriam ter a Psicomotricidade como complemento de formação não somente para compreender as demandas escolares e contribuir com a inclusão, mas também para que se sintam de fato preparados para lidar com as diferenças humanas, em particular, o autismo, que tanto se beneficia dessa especialidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5*. 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

BRACHT, Valter. A Educação Física e o conceito de cultura corporal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 14, n. 2, p. 5-12, 1993.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)> Acesso em: 10/11/2025.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)> Acesso em: 10/11/2025.

BRASIL. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)> Acesso em: 10/11/2025.

- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. *A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação*. 3. ed. Curitiba: Filosofart, 2004.
- LE BOULCH, Jean. *A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LEVIN, Esteban. *A clínica psicomotora: o corpo na linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.